



O ETÍOPE: UMA ESCRITA AFRICANA

Henrique Cunha Jr.¹

Resumo

Este artigo trata de uma das formas da escrita africana presente na história da região da Etiópia desde Antigüidade até o presente. A utilização da escrita no continente africano é um fenômeno histórico presente em todas as regiões do continente. A criação de escritas originais, a adaptação de escritas de outras regiões e mesmo a difusão da escrita com caracteres árabes, em árabe e em línguas nacionais sempre existiu na África, anterior à difusão pelas regiões da Europa. Formas de escritas em uso na África chegaram ao Brasil através dos imigrantes forçados, africanos aqui escravizados. Entretanto, apesar da longa tradição da escrita na cultura africana, os africanos são apresentados na cultura brasileira como povos ágrafos. Esta idéia de suposta falta de escrita é representada e confundida na sociedade brasileira como um suposto atraso cultural e ausência de civilização. Neste artigo abordamos alguns aspectos da escrita gráfica da Etiópia. A importância deste texto está na contribuição para uma mudança de perspectiva sobre grafismos, símbolos e escrita na cultura e na história africana. Uma renovação de representação que se faz necessária no ensino da história e da cultura africana na educação fundamental e média.

Palavras-chave: Escrita etíope; grafismo; história africana.

Abstract

This paper deals with African history and culture. It presents a study on African writing, focusing on the Ethiopian region and writing. The use of writing forms in Africa is historical. The African writing is a wide subject and it is a historical phenomenon present in the entire continent. The creation of original writing, the adaptation of writing and even the wide diffusion of Arab characters, used in Arab itself or adapted to national languages have always existed in Africa. The diffusion of the writing through the African continent is previous to the diffusion through Europe. These same forms of African writing arrived in Brazil along with the African immigration as a consequence to slavery. However, despite of the long tradition of writing in the African culture, the Africans are presented in the Brazilian culture as people with no writing at all. This idea of supposed lack of writing is represented and confused in the Brazilian society as a cultural delay and absence of civilization. In this article, some aspects of the Ethiopian graphic writing were studied. The importance of this text is in its contribution to a

¹ Professor Titular na Engenharia Elétrica e Integrante do Programa de Pós-graduação em Educação na Universidade Federal do Ceará. E-mail: hcunhajr@uol.com.br / hcunha@ufc.br

perspective of change in both African culture and history: a renewal in representation that is necessary when teaching African history and culture in elementary and high schools.

Keywords: Ethiopian writing form; graphism; African history.

1. Nós, africanos e afrodescendentes, somos um povo oral por opção ancestral

A apresentação das escritas africanas tem grande importância histórica e social no Brasil, visto que o africano foi e é muitas vezes representado na cultura da sociedade brasileira como de cultura primitiva e, sobretudo ágrafo (CUNHA Jr., 2005). A escrita dos povos é um problema ideológico mal apresentado na sociedade brasileira. A escrita ou sua ausência é confundida com as inteligências dos povos e sua capacidade em promover humanidade e civilização. Os africanos são apresentados na sociedade brasileira como povos representativos de culturas ágrafas e analfabetas e os europeus como símbolos dos alfabetizados. Nem um nem outro é verdade. Muitos africanos vieram alfabetizados para o Brasil como é o exemplo dos participantes da Revolta dos Malês na Bahia, em 1835, e escreviam em árabe (REIS, 2003). Entretanto, muitos imigrantes europeus vindos depois da abolição da escravatura eram analfabetos em seus países de origem (PEREIRA, 1986). Apesar de tudo, tais questões não são suficientemente discutidas e apresentadas na sociedade brasileira permanecendo, assim, os preconceitos e os arquétipos racistas sobre a população africana e seus descendentes, como povos incivilizados. Partindo deste ponto, dificulta-se a compreensão das culturas e da sua diversidade, sem a imputação de valorizações e desvalorizações racistas.

Indicando a afirmação de que somos um povo oral, temos que a oralidade é um valor social africano para a transmissão do conhecimento e está ligado à cosmovisão africana, como concepção de mundo próprio de uma cultura particular. Este valor social da oralidade é resultado das concepções sociais e filosóficas das sociedades de base da cultura africana. A singularidade das sociedades africanas está baseada nos valores sociais da cultura africana (CUNHA Jr., 1999), dentre os quais está a função da palavra. O conjunto dos valores sociais africanos pode ser enumerado da seguinte forma: a Ancestralidade, a Palavra; a Comunidade; a Força Essencial; os Seres da Natureza; os Seres Humanos; as Famílias; a Passagem da Morte; a Localidade, a Terra e a Produção; a Organização do Poder. A Palavra tem grande importância nas sociedades africanas, pois é socialmente respeitada e cultuada pelos membros destas sociedades, sendo básica para transmissão de conhecimentos e negociações dentro dos coletivos sociais (LAYER, 1978). A identidade individual e coletiva nas sociedades africanas é baseada na comunidade com base territorial. Esta identidade social tem a ancestralidade como eixo estrutural. A ancestralidade tem também na oralidade a sua força social dada a importância da palavra como valor social.

A oralidade é mantida com igual força social mesmo nas sociedades africanas que criaram escritas e outras formas simbólicas gráficas de comunicação. Portanto, a presença da oralidade nas culturas africanas não significa a ausência de escrita. Nós conhecemos nas sociedades africanas pelo menos dezesseis formas diferentes de escritas desenvolvidas ao longo

da história das sociedades africanas. Destacamos aqui que as formas escritas africanas evoluíram das formas simbólicas pictóricas, ligadas à vida social, para as formas escritas, silábicas ou alfabeticas. Existe uma forte dependência entre a forma gráfica, o símbolo e a inscrição deste na sociedade antes da passagem deste para a forma escrita. As sociedades da antigüidade histórica africana da região geográfica do Vale do Rio Nilo (Núbia, Etiópia e Egito) desenvolveram as formas escritas mais antigas da humanidade (SCHUMANN, ROSSINI, 1996).

Dentre estas escritas da antigüidade africana está a Escrita Etíope. Pela amplitude dos significados expressos no Ge'ez é que escolhemos esta escrita para introdução dos sistemas de transmissão de conhecimento gráfico nas culturas africanas. Precisamos destacar que no imaginário social dos povos africanos, os seres humanos aparecem em grupos e não individualmente. São sociedades de ampla representação do coletivo. Assim, a identidade é dada pela localidade, pela comunidade e pela ancestralidade.

A máxima que somos um povo oral não decorre da ausência da escrita no passado africano, como é interpretada por parte da sociedade. Algumas formas escritas estão entre as mais antigas das conhecidas pela humanidade. Três formas escritas africanas têm grande importância histórica para os africanos e para a humanidade. São bastante conhecidos entre os historiadores: os hieróglifos da antiga Núbia (atual Sudão) ainda não totalmente traduzidos (ZABKAR, APEDEMAK, 1975); os hierógrafos do antigo Egito (BAINES, MALEK, 1996), já totalmente decifrados; e a escrita Ge'ez, da Etiópia (AYELE, 1994). Os hieróglifos da Núbia aparecem mais especificamente na cidade dos Meroes, que são denominados na história antiga como povos das sociedades Cuses da Núbia, fazendo parte das civilizações do vale do Nilo, sendo na atualidade o país africano do Sudão. Esta escrita de forma hierográfica foi importante há 2000 anos antes da era cristã. Os hieróglifos dos Egípcios, também do vale do Rio Nilo, no atual Egito, foram importantes há 3000 anos antes da era cristã. A história do desenvolvimento da escrita em Ge'ez remonta há 2000 anos antes da era cristã. Entretanto apenas o Ge'ez, dentre estas três escritas, guarda a particularidade de permanecer viva utilizada até o presente nas escolas e empregado no comércio na região da África Oriental nos países da Etiópia, Eritréia, Tanzânia e Somália.

Neste artigo temos o enfoque ao Ge'ez, realizado a título de introdução às escritas africanas, e também apresentamos os conceitos básicos desta escrita etíope. O nosso estudo sobre o Ge'ez, do qual este artigo apresenta algumas considerações introdutórias, faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre grafismo e afroetnomatemática na cultura africana e afrodescendente, iniciado em 1998 (CUNHA Jr., MENEZES, 2002). Este artigo é uma contribuição para o ensino da história e da cultura africana, como parte da Lei 10.639 sobre o ensino obrigatório nas escolas de nível fundamental e médio (CUNHA Jr., 2005). Este artigo também tem como enfoque o eixo de pensamento sobre as Afrodescendências (CUNHA Jr., 2006). Este eixo caracteriza a especificidade social das populações negras no Brasil através da história sociológica, rejeitando os conceitos de raça social e/ou raça biológica (CUNHA Jr., 2001).



2. O sistema de Escrita Etíope

O sistema de escrita Etíope é um dos mais completos e complexos dos sistemas de transmissão de conhecimento escrito inventado pela humanidade. Associa a escrita, a representação matemática, formas filosóficas e a possibilidade de representação de códigos secretos. É uma escrita que procura a reprodução da fala humana. Sendo assim, esta escrita possui variações dentro de uma mesma região em função das diversas línguas faladas na mesma região. Neste artigo vamos apenas nos preocupar com a versão em língua Ge'ez da Etiópia.

Este sistema de escritas evolui em três diferentes sistemas gráficos ao longo da história da região da África Oriental. Esta região é, em parte, conhecida como chifre da África. É uma região de grande transito comercial desde a história antiga e de grandes trocas culturais com a Núbia, Egito e Ásia. O Ge'ez foi muito usado no desenvolvimento do cristianismo etíope, sendo que é uma fonte importante de textos do cristianismo. Devemos lembrar que o cristianismo, antes da expansão pelo império romano, não era uma religião européia. Este foi assimilado pela Europa e transformado em símbolo da civilização européia num processo de consolidação da Europa como matriz da civilização ocidental, judaico-cristã e grego-romana (BERNAL, 1987).

As línguas faladas na região hoje conhecidas como Etiópia e Eritréia são várias e são de grande importância histórica: o Ge'ez e o Aramaico. O sistema de escrita Etíope evolui com base na língua Ge'ez, podendo, no entanto, representar outras línguas da região, como é o caso do Aramaico. As origens deste sistema de escrita datam de mais de 3000 anos, cuja estabilidade como um sistema consolidado persiste há mais de 2000 anos. As origens exatas deste sistema de escrita são ainda desconhecidas e, em vista disso, motivam muitas controvérsias entre os especialistas. A origem poderia ter sido do seminal sistema de escrita do Ge'ez na península arábica ou no próprio território da Etiópia, num sistema de escrita definido como Sabeans. Neste sistema seminal, a representação gráfica se dá pelas formas dos objetos e dos seres da natureza. Esta forma seminal é baseada numa escrita pictórica.

O sistema seminal originário do Ge'ez sofreu uma evolução para um sistema de escrita intermediário denominado de Proto-Etíope e por fim redundou numa escrita silográfica Etíope. O nome silográfico, para este sistema de escrita, vem da junção de um sistema de base sonora silábico, em que os sons possuem uma representação gráfica evoluída de objetos ou seres da natureza. Devemos lembrar, neste parágrafo, a idéia que a palavra silogismo comporta. O silogismo é empregado no sentido de expressar o raciocínio dedutivo estruturado formalmente a partir de duas idéias que produzem uma terceira idéia. No sistema silográfico nós temos a composição destas associações de estrutura dedutiva.

Na Figura 1, marca a evolução da forma de desenhos pictóricos para símbolos terminando na forma escrita. Nesta figura, temos um quadro da evolução desta escrita ocorrido na transição de três formas escritas denominadas de seminal ou Sabeans, seguido do proto-etíope e, finalmente, o sistema escrito Etíope silográfico do Ge'ez.

Pictorica	Proto Etope	Ge'ez	Forma Sonora	Significado
			Raa	Vaca
			Iaa	Mão
			â	Olho
			Bâ	Casa
			Gâ	Camelo
			Máa	Água

Figura 1.: Quadro da evolução da escrita do sistema Ge'ez. Fonte: AYELE, 1994.

Além de ser um sistema de comunicação gráfico, o sistema do Ge'ez forma uma representação do conhecimento, pois ele tem a escrita como representação dos sons da fala, ou das palavras. O sistema embute conceitos filosóficos somados aos conhecimentos de astronomia, contém um sistema de numeração e também comporta a possibilidade de desenvolvimento de códigos secretos de transmissão de informação (DREWES, 1962). Na história da humanidade não temos outro sistema de escrita que reúna tão engenhosa combinação de propriedades num só conjunto.

Na antiguidade este sistema de escrita do Ge'ez era realizado em peles de cabra. Estas peles eram tecnicamente preparadas para receber tintas que duraram longos períodos. Estas peles recebem o nome de Biramas. Assim a escrita Etíope é realizada em Biramas, da mesma forma que a escrita Egípcia era realizada em papiros.

3. A composição do sistema de escrita do Ge'ez

O sistema de escrita do Ge'ez é composto por 182 símbolos. As relações da representação escrita com a astronomia é a razão que explica este número de símbolos que corresponde ao equinócio, ou seja, o meio ano com 182 dias. O ano tem dois equinócios de 182 dias cada um, perfazendo o ano de 364 dias.

A representação que explica a organização estruturada do sistema de escrita Etíope do Ge'ez é baseada numa distribuição de um quadro de sete colunas. Cada coluna é equivalente um dia da semana (a semana da cultura Etíope já era de sete dias). Estes dias da semana em Ge'ez são apresentados com os nomes de Ge'ez, Ka'eb, Salis, Rab'e, Hamis, Sadis e Sab'e, na seqüência de domingo a sábado. Cada uma destas colunas correspondentes a cada dia a semana estão divididas em 26 espaços com um símbolo para cada casa. Cada coluna tem relação com a anterior num sistema fonético e polirítmico. A sonoridade do ritmo das seqüências de



colunas é do tipo ba, be, bi, bo, bu na língua portuguesa. As sete colunas com os 26 símbolos perfazem 182 caracteres do equinócio. Na relação da escrita com a astronomia, temos que o calendário Etíope tem 12 meses de 30 dias cada mês e um décimo terceiro mês entremeado de tempos em tempos com 5 a 6 dias.

O sistema de escrita etíope revela também uma organização ideográfica visto que cada um dos 26 símbolos da primeira coluna tem um significado filosófico, representando valores sociais ou provérbios e que funcionam independentemente dos sons que produzem nas sentenças. Um exemplo do significado simbólico ideográfico é o U (Raa). O U (Raa) tem o significado dos braços levantados representando a glória, um prazer intenso, o sucesso e os motivos de grande celebração. O Raa é uma evolução da idéia dos braços entendidos para os céus em louvor à gloria divina. Outro exemplo é o símbolo que tem o significado na cultura Etíope da representação do chefe ou líder, do cérebro e da cabeça.

	<i>Ge'ez</i> ä	<i>Ka'eb</i> u	<i>Salis</i> i	<i>Rab'e</i> a	<i>Hamis</i> é	<i>Sadis</i> i	<i>Sab'e</i> o
h	ሀ	ሁ	ሂ	ሃ	ሁ	ሂ	ህ
l	ለ	ሉ	ሉ	ለ	ሉ	ለ	ሉ
ḥ	ሐ	ሐ	ሐ	ሐ	ሐ	ሐ	ሐ
m	ሙ	ሙ	ሙ	ሙ	ሙ	ሙ	ሙ
s	ሠ	ሠ	ሠ	ሠ	ሠ	ሠ	ሠ
r	ሩ	ሩ	ሩ	ሩ	ሩ	ሩ	ሩ
s	ሰ	ሰ	ሰ	ሰ	ሰ	ሰ	ሰ
q	ቁ	ቁ	ቁ	ቁ	ቁ	ቁ	ቁ
b	በ	በ	በ	በ	በ	በ	በ
t	ተ	ተ	ተ	ተ	ተ	ተ	ተ
h	ኩ	ኩ	ኩ	ኩ	ኩ	ኩ	ኩ
n	ኻ	ኻ	ኻ	ኻ	ኻ	ኻ	ኻ
a	አ	አ	አ	አ	አ	አ	አ
k	ከ	ከ	ከ	ከ	ከ	ከ	ከ
w	ወ	ወ	ወ	ወ	ወ	ወ	ወ
ä	ወ	ወ	ወ	ወ	ወ	ወ	ወ
z	ዘ	ዘ	ዘ	ዘ	ዘ	ዘ	ዘ
y	የ	የ	የ	የ	የ	የ	የ
d	ደ	ደ	ደ	ደ	ደ	ደ	ደ
g	ገ	ገ	ገ	ገ	ገ	ገ	ገ
ት	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ
፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳
፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳
፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳
፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳
፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳	፳
p	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ	ጥ

Figura 2.: Composição dos 182 símbolos do sistema de escrita Etíope. Fonte: AYELE, 1994.



4. O sistema numérico do Ge'ez associado à composição escrita

Os 182 símbolos da escrita silográfica Etíope têm seus correspondentes com valores numéricos. Esta série de correspondência de valores numéricos vai de 1 a 5600. Este sistema de numeração pode ser representado em tabelas dispostas em diversas formas segundo estruturas de raciocínio dedutivo e formas de silogismos na composição dos quadros. No quadro a seguir, na Figura 3, apresentamos uma representação de composição da tabela de números com a mesma correspondência da ordem das 07 colunas do Ge'ez escrito.

	1	2	3	4	5	6	7
1	፩						
2	፪	፫					
3	፬	፭	፮				
4	፯	፱	፲	፳			
5	፻	፳	፴	፵	፶		
6	፷	፸	፹	፺	፻	፼	
7	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
8	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
9	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
10	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
20	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
30	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
40	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
50	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
60	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
70	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
80	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
90	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
100	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
200	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
300	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
400	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
500	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
600	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
700	፻	፻	፻	፻	፻	፻	
800	፻	፻	፻	፻	፻	፻	

Figura 3.: Representação dos números do Ge'ez na forma de colunas. Fonte: AYELE, 1994.

Uma alternativa de representação e disposição dos símbolos numéricos é na forma circular. A Figura 4 apresenta a representação gráfica do Ge'ez numérico na forma circular. Nesta representação podemos verificar que cada casa do gráfico adquire um valor numérico posicional correspondente. Assim, a forma de escrever e posicionar os símbolos numéricos dá origem a codificações numéricas diferentes para cada casa. As variações podem ser sentidas mudando o sentido de rotação da direita para esquerda ou da esquerda para a direita. Mesmo de cima para baixo ou de

baixo para cima, há a modificação dos valores das posições. Estas variações associadas às tabelas da escrita fonográfica permitem a transmissão de informação codificada e secreta, tais como as representações dos símbolos da escrita os numéricos que também tem significados da filosofia e são apresentações dos valores sociais. Um exemplo é o caso do número 13 que representa a paz e a prosperidade. Ou do número 7 que tem o valor do feminino e da fertilidade: $13 \times 7 = 91$ e representa os valores sociais da mulher que traz a paz e propicia a prosperidade.

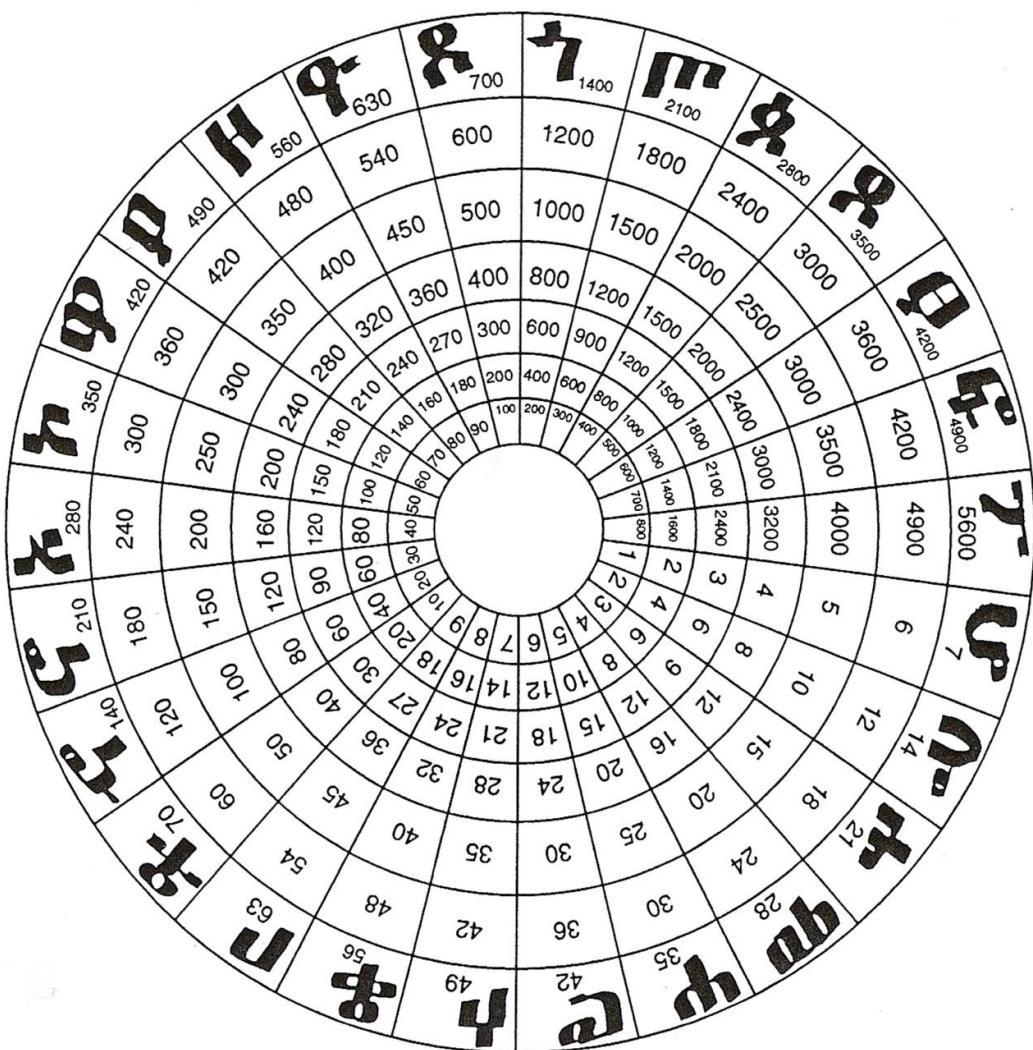


Figura 4.: Representação dos números do Ge'ez na forma circular. Fonte: AYELE, 1994.

5. Conhecendo melhor, podemos concluir sobre a importância da Escrita Etiópe

O artigo nos permite deduzir que houve uma evolução do desenho para uma forma gráfica intermediária, antes da forma escrita. O grafismo, nestas sociedades africanas na região da Etiópia, vai além da escrita para as relações com os números e com a matemática e com a astronomia.



As histórias e as culturas africanas foram desprezadas e ocultadas das informações difundidas no ocidente devido à imposição de um sistema de dominação dos povos europeus sobre os africanos e descendentes. Principalmente no Brasil, esta imposição da dominação ocidental e do eurocentrismo é mais forte devido à permanência do modelo republicano que produziu a desafricanização do Brasil. A sociedade brasileira republicana, desejando apagar as marcas do escravismo criminoso, produziu uma cultura de ampla supressão das culturas africanas e afrodescendentes. Mesmo os estudos sobre as sociedades africanas permanecem atrasados no Brasil em relações à Europa, Estados Unidos e Ásia.

O sistema de dominação ocidental imposto desde o século XVI resultou no escravismo criminoso, na colonização africana e no racismo anti-negro. Neste sistema de dominação ocidental, o africano e os descendentes foram sempre caracterizados como povos sem história, sem cultura e sem civilização. O ocultamento das formas das escritas africanas fez parte desta estratégia de dominação ocidental. O desconhecimento sobre estas formas escritas africanas induziu a idéia de um analfabetismo persistente entre africanos e da dependência destes com relação aos europeus para acesso à civilização.

Assim a difusão da existência das formas escritas utilizadas no continente africano tem fundamental e significativa importância na valorização da história e cultura africanas e na desconstrução dos sistemas de dominação ocidental.

6. Bibliografia

- [1] AYELE, Bekerie. *Ethiopic: History, principles and influences of an African writing system*. Doctoral dissertation. Philadelphia, PA: Temple University, 1994.
- [2] BAINES, John, MALEK, Jaromir. *O mundo Egípcio. Deuses, Templos e Faraós*. Madrid: Edições Del Pardo, 1996. p. 198-201.
- [3] BERNAL, Martin. *Review of sign, symbols, script: exhibition on the origins of the alphabet*. Journal of the American oriental society: 1985. p. 736-737.
- [4] _____ *Black Athena: The Afroasiatic Roots of Classical Civilization. The Fabrication of Ancient Greece 1785-1985*. Vol. I. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1987.
- [5] _____ *Black Athena. The Archaeological and Documentary Evidence*. Vol. II. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1987.
- [6] CUNHA Jr., Henrique. *Africanidade, afrodescendência e Educação*. Fortaleza: Educação em Debate. Ano 23. Vol. 2, número 42, 2001.
- [7] _____ *História Africana na Formação dos Educadores*. Maringá: Cadernos de Apoio do Ensino, número 6, 1999.
- [8] _____ *Nós, Afrodescendentes: Historia Africana e Afrodescendente na Cultura Brasileira*. In: *Historia da Educação do Negro e outras Histórias*. Brasília: MEC, 2005.

- [9] _____ *A Metodologia das Afrodescendências.* Fortaleza: Texto da disciplina de pós-graduação em Educação, 2006.
- [10] _____ *Movimento de consciência negra da década de 1970.* Fortaleza: Revista Educação em Debate, ano 25, volume 2 , número 46, 2003. p 47-54.
- [11] CUNHA Jr., Henrique, MENEZES, Marizilda. *Formas geométricas e estruturas fractais na cultura africana e afrodescendente.* Anais do II Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. São Carlos: Editora da UFSCAR, 2002.
- [12] DREWES, A. *Inscriptions de L'Ethiopie Antique.* Leiden: Bull, 1962.
- [13] LAYE, Câmara. *Lé Maitre de la Parole.* Paris: Plon, 1978.
- [14] PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Mentalidade Liberal da Elite Paulista e instituições de Ensino de Santos (1870-1920).* Pesquisa e trabalho no Programa Memória da Educação Brasileira. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 1986.
- [15] REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- [16] SCHUMANN, Ruth, ROSSINI, Stephane. *Illustrated hieroglyphics handbook.* New York: Sterling Publishing, 1996.
- [17] ZABKAR, L., APEDEMAK, Lion. *God of Meroe: Study in Egyptian – Meroitic System.* England: Aris and Phillips, 1975.